

REPORTAGEM



Especialidades

Depois da pausa para o descanso chegou a hora dos estudantes do curso de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) voltarem a exercitar o fazer jornalístico. Nesta edição do

Jornal laboratório Em Foco, a primeira de 2010, as reportagens publicadas são resultado do aprendizado nas disciplinas de Jornalismo Econômico, Comunicação Rural e Jornalismo Científico, ministradas no semestre passado.

Contar as histórias do mundo é o objetivo geral do repórter, mas o jeito como

ele conta estas histórias pode ser diferente, dependendo do tema tratado e do público que se interessa pelo assunto.

A solução para a heterogeneidade dos leitores de jornal foi a divisão em editorias ou cadernos especiais. Quem se interessa mais por economia vai direto para as páginas que tratam dos assuntos monetários,

Desta forma os jornalistas que escrevem para cada editoria sabem o que interessa ao seu leitor fiel, que histórias e personagens ele quer ver, qual a linguagem que pode ser utilizada, como traduzir o linguajar dos profissionais do meio. Nossos estudantes de jornalismo aprenderam tudo isto e mostram para você nas próximas páginas.

Leitura

Tratados, os livros dos sebos ganham qualidade

Livros nem TÃO usados ASSIM

Juliana Gonçalves

O comércio de livros usados tem se aprimorado com o passar do tempo. Não basta só vender livros que outras pessoas julgam não precisar mais, os exemplares hoje são vendidos quase como se fossem novos, ou pelo menos, o cuidado com as obras tem se tornado um bom investimento, tanto na hora de trocar por outro livro, como na venda.

Gerente de um dos sebos de Campo Grande, Maquir Vila Nova, de 35 anos, defende que a venda de livros usados depende muito da qualificação da obra e da rotatividade dela. "Pela minha visão eu sempre tento ver se ele [o livro] é bom de comércio e pra isso é preciso um conteúdo bom associado a outros quesitos", ressalta.

Maquir trabalha há 12 anos em uma loja de livros usados aberta 20 anos atrás. Começou como faz tudo, hoje ele explica a rapidez como alguns livros se atualizam, como os de informática e os de direito e demonstra preocupação com a qualidade dos livros vendidos na Capital.

"Eu viajava muito para trazer uma qualidade melhor de livros usados para

Campo Grande, eu aproveitava as promoções aéreas, por que aqui o mercado ainda é muito restrito. Fora, você paga mais caro, ainda tem o frete, mas tudo em busca de qualidade", afirma Maquir.

O estudante Nicolas Araújo dos Santos, de 12 anos, que procurava junto com a mãe um livro para um trabalho de ciências, disse que não saiu muito para comprar livro, mas que adora ler os de história e literatura. A mãe, Marlei Araújo dos Santos, de 51 anos, afirma que sempre incentiva o filho "Eu sempre tento trazê-lo, tento incentivar e ele gosta de ler", disse.

Os dois olhavam vários títulos enquanto tentavam se decidir por um exemplar e foi curioso observar, que não era apenas um nome que estava sendo escolhido. Abrir o livro, olhar as páginas e descobrir se valia a pena levar pra casa aumentava a expectativa. Os livros, que hoje vêm embalados em sacos plásticos para melhor conservação, podem ser abertos para a aproximação com o leitor.

Maquir diz que normalmente os jovens vêm pela necessidade de estudar, mas que é interessante observar. "Os leitores assíduos vão direto olhar a bibliografia do livro, bem no final pra ver da onde foram tiradas as idéias e fundamentos dos livros, as outras pessoas olham o começo dão uma folheada nas páginas".



Cedo - Nicolas Araújo, 12 anos, frequenta sebos com o incentivo da mãe formada em letras

A funcionária e contadora de um sebo Simone Rezende, de 31 anos, que trabalha há 15 anos na loja de livros usados, quando questionada se trabalhar com livros desperta o interesse na leitura, ela não nega. "A prática não veio com o tempo, mas eu pego alguns livros na área de informática, economia e relacionamentos".

Simone conta que este foi seu único emprego até hoje e que é bem tranquilo trabalhar ali. "O público é bem educado e tem mais paciência, se há alguma demora no balcão eles esperam, por que a maioria das vezes estão ali por prazer", lembra.

Compr a e v e n d a

Sobre a compra de livros usados, normalmente o valor é calculado como sen-

do um quarto do valor do livro novo. O gerente do sebo diz que tudo depende das condições em que o livro chega. "Tentamos ao máximo ficar com o livro, se ele tiver uma boa rotatividade, por isso mandamos todos os livros para uma gráfica terceirizada que arruma os defeitos que o livro pode ter, como colocar as folhas que estiverem soltas. É um gasto, mas gera qualidade".

Há cinco anos a loja, que Maquir é gerente, trabalha com livros novos, apesar do carro chefe da loja ainda ser os livros universitários, seguidos pelos de auto-ajuda. Ele não deixa de falar que entre os sucessos está a venda de mais de 70 livros em apenas um mês do best seller Crepúsculo, apesar da loja ser conhecida pela compra e venda de livros usados.



Em Foco - Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano IX - nº 129 - Março de 2010 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara
Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de

EXPEDIENTE

Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Pedro Pereira Borges
Pró-reitoria de Administração: Ir. Raffaele Lochi

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Zanatta

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva, Jacir Zanatta e Oswaldo Ribeiro

Repórteres: Bruna Lucianer, Daniel Henrique, Edilene Borges, Evelylyn Abelha, Evelylyn Regis.

Helton Verão, Juliana Gonçalves, Kleber Gutierrez, Laís Camargo, Natalie Malulei, Rogério Valdez, Sarah Isernhagem, Sidney de Albuquerque, Tatiana Gimenes e Wanessa Derzi.

Projeto Gráfico, diagramação e tratamento de imagens:
Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande - MS.
Cep: 79117900 - Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Planejamento e informação são importantes para que pais não tenham prejuízo na preparação pré-vestibular dos filhos

VALE A PENA INVESTIR EM CURSINHO?

Evellyn Abella

Preocupados em ingressar na universidade, centenas de estudantes investem em cursinhos preparatórios. No anseio de cursar uma instituição de ensino público alguns desses estudantes gastam por mês o valor equivalente a uma mensalidade de uma universidade privada. Assim enquanto fazem cursinho pré-vestibular poderiam já estar cursando o Ensino Superior. O assunto envolve muitas variáveis, mas necessita de planejamento e controle como qualquer outro investimento financeiro.

Ao concluir o terceiro ano do Ensino Médio, o estudante Tallisson Tauan Porangaba de Almeida de 18 anos, começou a fazer cursinho. Na tentativa de ingressar para o curso de Direito em uma universidade pública, Tauan investiu aproximadamente seis mil reais em um ano de estudo. Por mês gastava cerca de 500 reais com despesas básicas como mensalidade, alimentação e transporte. Praticamente com este valor o estudante poderia custear a mensalidade de Direito em alguma das universidades particulares de Campo Grande que variam de 500 a 700 reais. Um dos motivos para Tauan optar pelo cursinho está no respaldo da universidade pública. "Estudei a vida toda em escola particular sinto essa necessidade de agora concluir o Ensino Superior em uma instituição pública", justifica o estudante.

São muitas as variáveis que envolvem as escolhas entre cursinhos, universidades públicas e particulares. Para o economista Tiago Queiroz de Oliveira de 25 anos, não há outra solução a não ser conhecer bem os objetivos que se pretende alcançar e ter um bom planejamento de orçamento. "Não existe fórmula pronta para isso, é preciso analisar a situação", afirma o economista. Tiago faz comparações e aponta alguns fatores que podem influenciar na decisão do estudante e também dos responsáveis financeiros, como o tempo de duração de um cursinho e de um curso de graduação. Comparando um estudante que fez cursinho durante dois anos para ingressar em universidade pública e outro que ingressou na universidade particular logo após a conclusão do ensino médio, este último terá uma vantagem de dois anos de mercado de trabalho e uma renda profissional maior, em relação ao primeiro



Foto: Evellyn Abella

Dinheiro - Famílias investem cerca de R\$ 6 mil anuais com educação preparatória para seleções de universidades públicas

estudante. Outro ponto relevante é a disponibilidade de renda do estudante de instituição pública, por ser isento de mensalidade, ele poderá dispor de quantidade maior de recursos para investir em outras formas de aperfeiçoar sua formação como congressos e cursos complementares.

Todo investimento deve ser posto na ponta do lápis, assim é possível controlar gastos e evitar excessos. Pesquisar preços também serve como ferramenta já que em Campo Grande as mensalidades dos principais cursinhos pré-vestibulares variam de 200 a 100 reais. De acordo com o economista Tiago, o estudante tem possibilidade de fazer cursinho sem extrapolar o orçamento de forma que os gastos se tornem o valor da mensalidade de uma universidade privada. A estudante Naira Ricalde Machado Avanci, de 18 anos, investiu aproximadamente dois mil reais em 14 meses de cursinho, contabilizando nada mais que 143 reais mensais no orçamento familiar. Naira conta que seus pais pensaram que esse investimento em cursinho poderia ser aplicado em uma universidade particular e que se ela tra-

lhasse ficaria ainda mais viável. "Meu sonho sempre foi cursar uma universidade federal, então eles investiram para que eu tentasse realizar este sonho". No início do cursinho, a escolha da estudante estava baseada principalmente na isenção de mensalidade e na credibilidade da universidade pública, mas com o passar do tempo Naira refletiu. "Hoje analiso melhor e vejo que quem faz a faculdade é o aluno. Claro que ainda prefiro entrar na federal, mas vejo a universidade particular com uma estrutura excelente e com profissionais muito qualificados".

Atraídos pela gratuidade do ensino e o reconhecimento no mercado de trabalho que as instituições públicas possuem, alguns estudantes acabam por desconhecer ou não dar importância a fatores da realidade acadêmica. Um deles é que mesmo cursando universidade pública o aluno terá gastos com sua graduação. Douglas Fernando Carlos Macente de 21 anos, cursa o 6º semestre de Engenharia Ambiental na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Ele calculou os investimentos com alimentação, cópias, cursos complementares e congresso. Todos os itens somaram uma quantia de quatro mil reais

durante um ano letivo. "Isso porque meu curso não é um curso tão caro como os de Medicina, Odontologia e outros que exigem um bom investimento mesmo nas públicas", reconhece o estudante. E um outro fator é que muitas empresas ou contratadores não analisam currículos ou escolhem funcionários pela instituição de ensino que o candidato cursou. Há mais de 20 anos trabalhando na área de educação as irmãs Solange Penrabel e Sandra Penrabel, ambas diretoras de escola revelam. "Não contratamos e nem distinguimos professores por serem formados nessa ou naquela instituição de ensino, mas sim pela sua experiência, a formação em si e selecionamos principalmente por meio de entrevistas e indicações". As duas ainda afirmam ter conhecimento que muitas empresas fazem essa diferenciação.

Além da preparação para ingressarem nas universidades, os estudantes não devem desconsiderar a importância dos fatores exigidos pelo mercado de trabalho antes mesmo de adentrá-lo, muito menos os fatores econômicos que mexem com o bolso.

REPORTAGEM

CAMPO GRANDE - MARÇO DE 2010

EM FOCO

Coragem, ousadia e persistência são fatores que determinam os rumos e o sucesso de uma empresa

“O cliente é meu patrão”

Helton Verão

Ter seu próprio negócio. Todo indivíduo deve ter pensado em algum momento de sua vida em montar sua própria empresa. Coragem e ousadia são os fatores que em sua maioria influem na não concretização do imaginado por muitos. Diferente do que aconteceu com o micro-empresário Agenor Guedes da Silva. Ele apostou em um “carrinho” de lanches em um ponto movimentado de um bairro da região Oeste de Campo Grande. Em seu estabelecimento, ele vende de lanches até porções, tudo isso na calçada de um cruzamento movimentado, perto de sua residência. “De começo eu fazia só espetinhos, também pelo jeito mais fácil de carregar as coisas da minha casa até aqui no cruzamento. Mas depois que consegui comprar o carrinho, tudo ficou mais prático, e completo, pois posso fazer de lanches até porção, e mais pra frente quero aumentar as opções não sei nem se meu carrinho vai ser suficiente”, conta o pequeno empresário Agenor, que há sete me-



Foto: Helton Verão

Compromisso - O atendimento influencia na conquista de novos clientes

ses mantém seu comércio no mesmo local.

Vantagem de ser seu “próprio” patrão, escolher horários, trabalhar com quem você desejar, no caso senhor Guedes da Silva, ter o lucro inteiro apenas para si. “Uma das melhores coisas que tem é o lucro e o horário, pois eu trabalho praticamente sozinho. Então só às vezes quando chamo um sobrinho meu para ajudar, eu pago uns trocados pra ele, e também folgo o dia que for melhor para mim, mas claro que hoje tenho um padrão, eu não abro só às

terças feiras”, comenta o simpático Agenor Guedes da Silva.

Outro microempresário com mais tempo de experiência, Samuel José Souza, acredita que o termo “você é seu patrão”, é algo que só ocorre dentro da residência de cada um. “Em meu negócio esse discurso não existe quem é meu patrão é meu cliente, pois a maneira como você o atende, oferece seus serviços a ele, influi na conquista do mesmo” indaga Samuel ou mais popular

“Samuca”. Para ele, o seu trabalho tem que ser bem visto por quem garante seu lucro, os clientes. Há alguns anos ele investiu em uma locadora de vídeo, mas com surgimento do DVD, internet e consequentemente a pirataria desistiu do negócio. De um ano para cá investe em um trailer de lanches e comidas, ou o mais popular “fast food”.

O empresário conta com a colaboração de três funcionários, que trabalham de certa forma “sem compromisso”, algo que pode ser maléfico para ambas as partes em razão das leis trabalhistas, mas outros fatores podem criar futuros problemas para pequenos empresários como Agenor e Samuel, impostos e alvarás, que somados podem custar 4% do que for comercializado, é o que explica o contador Marcelo Fernandes: “Para quem quer investir, comprar seu carrinho de cachorro-quente, por mais simples que seja e comercializar seu produto, não está livre de eventuais impostos e de pagamento de alvará, que aqui na Capital gira em torno de R\$68,00 anuais”, esclarece o contador Fernandes. Os eventuais impostos que o contador Marcelo citou acima basicamente estão ligados ao INSS(1,8%), ICMS(1,25%), COFINS (0,74%), CSSL(0,21%), PIS(0%) e IRTJ(0%). Tudo isso somado gerando os 4% de taxas citados anteriormente.

Para possuir seu próprio negócio é preciso ter cautela, estratégias, ousadia, coragem e cuidados para não haver desrespeito às leis. O pequeno empresário, não só na Capital, mas em qualquer região do país, deve saber até onde vão seus direitos e deveres, assim podem trabalhar e buscar seu lucro com tranquilidade e dignidade.

Qualidade dos produtos atrai consumidores exigentes

Sarah Isernhagem

Pensando em uma solução para ganhar dinheiro ou aumentar o orçamento familiar, barracas de lanches se aproximam mais e mais dos portões de entrada de universidades de Campo Grande. O investimento é fruto de se vender algo imprescindível para o dia-a-dia dos seres humanos, e que tem praticamente um consumidor certeiro, “aquele com fome”.

Promoções não faltam para atrair o cliente, que na maioria das vezes, sai do trabalho e vai direto para a universidade. Estes chegam com fome, com pressa e têm apenas alguns minutos para comer algo antes de ter que entrar correndo para apresentar um seminário, como a acadêmica de arquitetura e decoradora Vera Lúcia, de 42 anos, que estava em uma das lanchonetes fazendo a refeição do dia e já

ficando atrasada para a aula.

“Eu não como [lanche] todo dia não, é um dia sim outro não, tem dias que o lanche aqui é meu almoço e minha janta, se não, você não aguenta, e ainda tem a universidade pra pagar”, ressalta Vera.

A experiência do vendedor de lanches Elias Trindade, de 40 anos, que há seis vende lanche na Avenida Ceará bem em frente à universidade, é de que o consumidor é mesmo atraído pela qualidade do lanche. “Eu achei que meu lanche era bom e o pessoal diz que é, então estou aqui até hoje”, afirma.

Elias lembra que começou vendendo lanches em um Fiorino e que comprou o ponto de um outro rapaz que não estava mais conseguindo se manter vendendo lanches. Depois acabou tirando a licença de vendedor ambulante para poder funcionar. Desde então como uma opção de renda a mais, trabalha nas noites de segunda à sexta-feira com sua esposa Maria Aparecida

Figueiredo, de 31 anos.

“É muito bom trabalhar aqui, você não mexe com bebida alcoólica, não tem problema com bêbado, os clientes são tudo universitário e acabam sendo mais educados”, disse Elias.

Mesmo com uma competição indireta entre sete barracas o vendedor Rogers Cardoso Oliveira, de 25 anos, garante que dá pra sobreviver e que cada um tem seu espaço e clientela. “Aqui tem aluno pra todo mundo, é bem variado e a gente tem que ter agilidade, por que o pessoal tem aula, mas é interessante por que tem gente entrando e saindo da faculdade a todo o momento”, lembra.

Rogers é o novato em meios as barracas montadas, está ali há cerca de quatro meses. Começou alugando a barraca de Elias e depois acabou comprando uma junto com um sócio que também o ajuda a preparar os lanches. Apesar de ter apenas 25 anos, ele faz lanches há 10

anos, e garante que gosta do que faz. “Foi mais necessidade abrir o ponto aqui, mas eu gostei de trabalhar com lanche e acabou surgindo a oportunidade”.

Simples, rápido e fácil, atraídos pela necessidade de comer e o bom preço, a hora da entrada na faculdade e o intervalo, é sinal de banquinhos e cadeiras lotadas. Faturamento para os vendedores e satisfação para os clientes. No entanto, nem todo o ano é assim. Quando chegam as férias os vendedores também param, mas Elias garante que com planejamento dá pra sobreviver, apesar de que no caso dele trabalhar ali é só mais um complemento.

Rogers que começou agora no negócio próprio diz que tira mais que o sustento dali. “Eu procuro fazer mais amizades do que clientes, a gente sempre puxa conversa, pergunta que curso faz, troca telefone, às vezes até marcamos um tereré”, completa.

jogo de Lego permite que alunos do Ensino Médio compreendam melhor disciplinas como Física e Matemática

Jeito criativo para aprender brincando

Laís Camargo

Matemática e Física parecem realidades distantes quando se está no Ensino Médio. Praticamente inaplicáveis. Um jeito criativo de estabelecer a ponte entre o conhecimento e a utilização tem dado certo na Universidade Católica Dom Bosco. O mecanismo tem o apoio do material didático de peças do conhecido jogo de Lego e é chamado de projeto “Engenhar”, que traz alunos do Ensino Médio de escolas públicas para terem contato com a robótica. “Agora eu posso perceber que é verdade quando o professor fala que tudo dá para resolver com Matemática e Física”, opina Anielle Andressa Maranhão, de 15 anos, que cursa o primeiro ano do Ensino Médio na escola Artur Vasconcelos Dias.

Toda atividade é iniciada na sala de aula, onde os professores passam por um treinamento de seis meses antes de apresentarem o projeto aos alunos. Então os estudantes vêm uma vez por semana à UCDB para montagem, programação e execução das funções de um robô com a chamada “Inteligência Artificial”. “Eles seguem o manual de instruções, montam, depois configuram o comando no computador e vão para a pista de teste. A função de hoje é o sensor de luz para identificar as cores, mas já trabalharam o ultrassom, o mesmo sistema de guia do vôo do morcego”, explica o professor



Foto: Laís Camargo

Educação - Projeto pretende proporcionar independência intelectual aos alunos

mestre em Mecatrônica Wanderlei Mendes Ferreira. O projeto pioneiro no País recebe o apoio do Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), que bancou dois kits de Lego e dois computadores para cada escola inscrita, além de um mini laboratório de robótica.

“Reunimos várias escolas interessadas no edital do FNEP, mas apenas cinco permaneceram ao longo de um

ano e meio de funcionamento do projeto. Essa é uma tentativa do governo de aumentar o interesse dos alunos por engenharia, já que se formam poucos engenheiros no país, o que é ruim para o desenvolvimento”, analisa o professor. A maior dificuldade identificada nos alunos é o raciocínio lógico, ponto declaradamente deficiente na educação básica brasileira. Um

projeto como esse pretende ser uma via de mão dupla, proporcionando independência aos alunos e recebendo a evolução do conhecimento deles como respaldo.

Paralelo

No filme “O dia em que a Terra parou” vê-se um exemplo de como a associação de tecnologia e entretenimento é possível e necessária. Primeiramente, em 1951 a versão do longametragem contava com recursos escassos de efeitos especiais. Em 2008, a produção teve o auxílio da programação por computador e da robótica para melhorar o visual filme. Resultado totalmente aceito pelo público. Tal fato é evidente na atualidade, a interação dos conhecimentos. “Estamos em uma mudança de era, do século XX para o XXI. É elementar que saibamos associar as ciências para pensar em um futuro desejável e não apenas possível, para não ficarmos limitados”, enfatiza a especialista em economia criativa, Lala Deheinzelin, palestrante do projeto “Diálogos Contemporâneos”, que aconteceu em 19 de outubro passado, na Capital.

Braço Mecânico

Controle de qualidade na produção industrial

Sidney de Albuquerque

Acadêmicos da UCDB desenvolvem projeto de braço robótico para controle de qualidade. A ideia surgiu numa conversa com o professor Isaias da Silva, de 42 anos, ao tentar entender o processo de funcionamento de disparo de mísseis de um avião caça, quando tira fotos para detectar seu alvo.

Através desta ideia, Julio Sandim, de 23 anos, juntamente com Leonardo Limberger, de 29 anos, desenvolveram o projeto de um braço

mecânico para o controle de qualidade em linha de grande produção industrial.

O braço serve para monitorar uma linha de produção com o objetivo de selecionar os produtos e separar objetos que tenham defeitos de fabricação. O conceito novo desenvolvido no projeto é o emprego de processamento de dados com o aparato mecânico (motores e componentes eletrônicos), um software de componentes (chamado pela equipe de csinx), em conjunto com o braço faz o processo de captação de imagem. Esta tecnologia detecta no processamento alteração de imagem em relação à primeira

colocada no programa, o csinx faz uma foto dos objetos da linha de produção, “e posteriormente faz a redução da qualidade da mesma afim de ganhar velocidade no processo de controle da qualidade deste produtos”, explica Limberger. Nesta fase de detectar algum defeito, o braço é acionado e o mesmo faz a retirada do objeto defeituoso.

O projeto vem sendo desenvolvido há dois anos, logo no início foi feito um protótipo para testes iniciais. Além de ser o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos acadêmicos, eles têm a intenção de usá-lo numa linha de produção.

A novidade é o posicionamento de todos os motores que estão no braço. A maioria da parte mecânica (placa, circuito etc.) foi produzida pelos próprios autores, só os sensores de posição foram importados dos EUA. “A grande dificuldade para o desenvolvimento do

projeto foi a falta de componentes eletrônicos e na mão de obra especializada aqui na Capital”, lembra Sandim.

Isaias da Silva, hoje é professor na Universidade de São Paulo-USP, ele vê a possibilidade de adaptar o programa no processo de imagem, para efetuar cirurgia de longa distância (telemetria).

“O presente trabalho, desenvolvido pelos alunos Julio e Leonardo, mostra o grau de envolvimento dos alunos dos cursos de Engenharia Mecatrônica e Mecânica da UCDB, com estes cursos e com as disciplinas nestes ministradas, pois o desenvolvimento de um braço robótico requer conhecimento multidisciplinar, tanto de natureza teórica quanto de engenharia de aplicação”, diz Silva.



Psicologia - O grau da ansiedade depende da pré-disposição genética que o indivíduo possui, mas o ambiente onde a pessoa foi criada, sua história de vida e o fato de possuir

Saúde

A ansiedade quando controlada funciona como um mecanismo de defesa criado pelo organismo para que as pessoas cons

Especialistas consideram a ANSIEDADE

Natalie Malulei

Ansiedade. Essa palavra têm sido utilizada atualmente com maior frequência como uma das doenças intituladas de “mal do século”. Porém, o que não é comentado é o fato de que, antes de qualquer coisa, a ansiedade é um mecanismo de defesa utilizado pelo organismo. “O estar ansioso é uma reação de personalidade, uma personalidade que diante de situações de perigo real, define como você irá reagir: atacando ou fugindo”, como explica o psiquiatra, Demétrio Romão Torres, de 61 anos.

O que ocorre no organismo é que diante de uma situação de perigo, a ansiedade desencadeia uma descarga de neurotransmissores (são substâncias químicas que nos protegem nes-

sas situações, como a adrenalina e a dopamina). Com o intuito de preparar o corpo para o ataque ou fuga, essas substâncias provocam reações no organismo como: o aumento de pressão, taquicardia e resfriamento das mãos. “A ansiedade como um elemento de proteção, é necessária. Às vezes um homem está passando na calçada e um cão pula no portão e ele sai correndo, um pulo ou uma corrida que você, em condições normais, não conseguiria fazer, e você até se impressiona com a sua velocidade. “É a adrenalina que faz com que aquela explosão motora aconteça”, explica o psicanalista Eduardo Pelliccioli, de 39 anos.

Porém, quando o medo de determinada situação é exacerbado, e a dimensão da resposta é maior do que o objeto identificado, o indivíduo vive uma situação catastrófica e não consegue ter reação de ataque ou fuga.

Esses sinais determinam que houve um aumento no grau da ansiedade, e mudam o tom com que a ela deve ser encarada, geralmente indicam um sinal patológico. “Começa a ser patológico quando se transforma em um distúrbio ou em um transtorno, quando o medo exacerbado pelo irreal é tão intenso que começa a ser generalizado pelo corpo todo, provocando sintomas como dores no corpo, palpitação, dor de barriga, diarreia, sudorese (suor excessivo)”, analisa Demétrio.

Grau da ansiedade

O aumento do grau da ansiedade depende da pré-disposição genética que o indivíduo possui e do ambiente que ele se encontra. Pessoas que vivem em um ambiente favorável (possuem uma história de vida complicada, têm uma família desestruturada, falha na educação, entre outros fatores) pos-

uem maior disposição.

Segundo Demétrio, o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) é o mais leve, porém o mais difícil de ser tratado. É crônico, adquirido ao longo da vida, por fatores ambientais. A ansiedade decorre, por exemplo, por medo de contaminação, o que faz com que a pessoa lave as mãos toda hora e evite ao máximo e a qualquer custo, contato com a sujeira, mas essa compulsão pode ser também por organização e por movimentos ou atitudes repetitivas.

A fobia é um dos transtornos onde a ansiedade está relacionada com os medos intensos, exacerbados. Existem vários tipos de fobia e elas se caracterizam de acordo com o medo envolvido e recebem nomes específicos. Por exemplo, agorafobia é o nome dado para o medo de ficar em lugares abertos, hidrofobia, medo de água. Dependendo do grau em que a

fobia ocorra pode levar a um ataque de pânico. “Claustrofobia que a gente ouve falar, “claustro” é fechado, é medo intenso que a pessoa possui de ficar em qualquer lugar fechado. É que pode evoluir para o pânico. Ela começa ser impedidiva das ações corriqueiras da pessoa, por exemplo, se eu tenho claustrofobia eu começo a não andar mais em carro, porque eu não consigo ficar mais dentro do carro, não consigo mais andar de ônibus. A cabata a trapalhando a



uir uma família desestruturada contribui para o aumento da ansiedade

sigam se proteger das ameaças geradas no ambiente

DE o “mal do século”

pessoa no cotidiano”, considera Eduardo.

Contudo, o grau mais agudo da ansiedade e o que provoca maior sofrimento é a síndrome do pânico. Para Demétrio, ela

parte de uma situação natural, para uma ansiedade caracterizada patológica. Porém essa ansiedade se torna tão aguda que passa a ser generalizada, provocando sintomas no corpo todo.

“Eu tive a minha primeira crise de pânico em um estado grave dentro do cinema. Eu estava no Cinemark com o meu pai e meu irmão, e lá den-

tro eu comecei a ter todos esses sintomas só que em um grau insuportável, foi um bombeiro do shopping me auxiliar, mediu os meus batimentos cardíacos, disse que estava muito alto”, relata o universitário, Vinícius Nunes de Andrade, de 21 anos. A situação envolve ainda, os familiares e pessoas ao redor. “Eu fiquei preocupado porque eu não queria estragar o final de semana do meu pai e do meu irmão, mas foi aí que eu percebi que eu tava muito mal mesmo, estava com uma sensação de morte, a mão formigando, palpitação, a sensação de desmaio, a boca fica muito seca e você fica com aquela sensação de que você não vai ter saliva na boca, que você vai engasgar, sensação de morte mesmo”, conta Vinícius.

Segundo Eduardo, é difícil a pessoa por si só se dar conta de que a ansiedade está virando algo mais sério, porque ela é



Especialista - Tratamentos medicamentoso e psicoterápico contribuem para amenizar os problemas

tomada paulatinamente pela sensação de medo. “Quer dizer, é uma mãe que pede ajuda, é um irmão, é uma esposa, mas é possível que a gente se dê conta disso também, acontece de chegar a um ponto da tua ansiedade, que você mesmo se dá conta que o que você fazia há uns meses atrás você não tem mais condições de fazer”, esclarece o psicólogo.

Tratamento

As medidas de tratamento são realizadas pela Psicologia e pela Medicina, as mesmas podem atuar em conjunto conforme o caso. Entre os tratamentos utilizam-se a psicoterapia, e tem o auxílio de medicamentos farmacológicos. “A medicina vem nos auxiliar com as medicações, os remédios que são chamados ansiolíticos, eles baixam a ansiedade, são importantes porque se eu tomo uma medicação que diminui a minha ansiedade, eu consigo parar pra pensar nas coisas da minha vida. E aí vem a segun-

da parte que é, por exemplo, uma terapia, para eu poder ao estar conversando, ao estar falando do meu sofrimento, poder resgatar, pegar o fio da meada, do ponto que causou a minha ansiedade, ou das situações de vida que me deixam ansioso”, explana Eduardo.

O resultado é adquirido aos poucos por meio dos tratamentos. “Eu vou fazendo o tratamento, mas eu ainda convivo com a ansiedade, a diferença é que agora eu consigo controlar bem, e ela se tornou uma coisa que não me atrapalha mais tanto quanto atrapalhava antes”, admite Vinícius. Para o universitário, o autoconhecimento adquirido através das seções de terapia proporcionou um melhor autocontrole diante das situações de ansiedade.

Para Eduardo, as pessoas não precisam necessariamente estar doentes para se sentirem desconfortáveis e para serem tratadas. A ansiedade não é si-

nônimo de doença. Dependendo do caso, ela pode evoluir para uma, mas a princípio a pessoa não precisa estar doente, para estar ansiosa e se sentir desconfortável com essa situação.

Medidas alternativas como o uso de florais, remédios fitoterápicos, técnicas de relaxamento e a prática da Yoga auxiliam na resolução dos problemas causados pela ansiedade. “Essas alternativas têm resultado quando o paciente apresenta um indício leve de ansiedade, porque funcionam como uma prevenção para que o nível da mesma não evolua. Agora, quando o paciente já possui um grau mediano ou grave de ansiedade esses procedimentos são ineficientes, pois é necessário um tratamento específico com um profissional da área”, comenta Demétrio.



Banco livra pequenos empreendedores dos agiotas emprestando capital de giro

MICRO-CRÉDITO: macro - sonhos

Rogério Valdez

Quando não se tem grandes asas, é necessário uma ajuda para alcançar voos mais altos. A analogia também serve para nos remeter à relação do pequeno empresário com o banco que confia em sua proposta empreendedora para disponibilizar a "ajudinha" que levaria aos grandes e importantes passos no mundo dos negócios. Este é o caso da microempresária Sandra dos Santos Silva Correa, que começou revendendo roupas para amigas, hoje é dona da pequena loja "Sandrinha Modas" e repassa seus produtos para outras quatro vendedoras, gerando mais emprego.

No caso de Sandra, a instituição financeira que apostou em seu negócio foi o Banco da Gente, que é voltado justamente para atender os microempresários em sua busca pela ascensão no mercado. "Conheci o banco através de uma amiga, meu primeiro empréstimo foi de R\$ 1,8 mil. Com este dinheiro eu viajei até Goiânia para comprar roupas e revender aqui, através do lucro eu vou pagando o empréstimo que tem juros bastante baixos", comenta Sandra.

Para a empreendedora, a iniciativa é louvável e gratificante porque possibilita que pessoas como ela cresçam e consigam êxito nos negócios, além de gerar empregos. "É muito fácil de conseguir apoio, eu recomendo que as pessoas procurem um auxílio de algum banco para começar o próprio negócio", incentiva.

O primeiro empréstimo de Sandra aconteceu no início de 2008, na época ela vendia garapa para complementar a renda de vendedora de roupas e o esposo trabalhava como chaveiro. De acordo com ela, a oportunidade de expandir seu negócio de vendas só chegou através do incentivo financeiro, quando pode ter um capital de giro, comprar mais produtos e atrair mais fregueses.

O banco parceiro de Sandra possui algumas regras para a cedência do empréstimo, por exemplo, a proposta do negócio deve caracterizar-se como economia solidária. O beneficiado tam-



Foto: Divulgação

Impulso - Os empréstimos do banco ajudam no desenvolvimento da economia local

bém deve participar de palestras do Sebrae - parceiro da instituição. É ainda necessária a contratação de um avalista/fiador.

O Banco da Gente é uma instituição de micro-crédito sem fins lucrativos e, assim como toda instituição financeira, trabalha com limite de créditos. O diferencial é que as taxas de juros são bas-

tante menores que as praticadas nos bancos comerciais – entre 1 e 2% ao mês, dependendo da linha de crédito escolhida.

Segundo o diretor-geral do banco, Márcio Laabs, as linhas de crédito e as facilidades oferecidas pela instituição servem para os empreendedores não se

vincularem a agiotas para obterem capital de giro.

Uma das saídas colocadas para os clientes do Banco da Gente é a questão da troca de cheques. Desta forma, os empreendedores que recebem o auxílio da instituição podem procurar o banco para fazer trocas de cheques recebidos pelos seus clientes e assim sempre ter capital de giro para aplicar no negócio.

"Um vendedor ambulante, por exemplo, tem pouco capital de giro. Se alguns clientes pagam em cheque, o comerciante não terá dinheiro em caixa para adquirir mais produtos para a venda. Daí, o cliente do banco vem até aqui e faz a troca para ter um fluxo de caixa", explica Laabs.

Para o economista Sérgio Bastos, é interessante disponibilizar créditos para os microempresários porque são estas pessoas as responsáveis pelo desenvolvimento da economia local – seja no bairro ou cidade em que se instala o novo empreendimento.

"Isso vai gerar um sistema de compras locais e é interessante que isso aconteça porque faz com que os lucros circulem por ali mesmo, promovendo o desenvolvimento da região", comenta Bastos.

"Em bairros, aqui da Capital mesmo, isso é bastante comum, e mantém o empresário fortalecido na região. Mas é importante ressaltar que tal fortalecimento acontece desde que o empreendedor consiga manter um grau respeitável de satisfação de seus clientes. Desta forma também se torna importante a capacitação, para que não existam grandes erros na aplicação do recurso disponibilizado ao microempresário", completa o economista.

O nosso jornal entrou na onda do rádio.



rádio
EMFOCO

Jornal Em Foco agora na FM UCDB.

Rádio FM UCDB 91,5
Horário: 15:30 às 16:00



Ouça o Rádio Em Foco a qualquer hora também pela internet.

www.radioemfoco.mypodcast.com

Dos mais de 500 veículos 56% são acessíveis aos cadeirantes

CG é capital dos elevadores em ônibus

Tatiana Gimenes

O número de ônibus adaptados tem crescido na cidade com o passar dos anos, o que faz com que Campo Grande seja a Capital com o maior índice de veículos dotados de elevadores para atender pessoas que usam cadeira-de-rodas. A instalação do equipamento acrescenta custo em cada transporte.

Segundo o assessor de imprensa da Associação das Empresas de Transporte Coletivo Urbano (Assetur), Edir de Souza Viégas, de 43 anos, cada equipamento custa, em média, R\$ 6 mil. Conforme Edir, esse custo é repassado para a tarifa que os usuários pagam, da mesma forma que são repassados custos com combustível, peças, pneus, entre outros. "Não há como

mensurar a interferência desses investimentos na economia do Estado", avaliou.

De acordo com o assessor, existe isenção tributária para os ônibus adaptados, ao contrário de outros veículos. "Os carros dotados de elevador ficam isentos do pagamento do Imposto sobre Propriedade de Veículo Automotor (IPVA)", explicou.

Usuários

Anderson Rosa de Oliveira, de 31 anos, cadeirante, utiliza ônibus de duas viagens da Capital. Para Anderson, dependendo do dia da semana, todos os ônibus adaptados estão na linha, em circulação. Porém, conta que uma vez ficou esperando os mesmos por 1 hora e vinte minutos.

Ele diz que os ônibus são adequados,



Gentil - Cadeirantes pedem que usuários deixem livre os espaços reservados

mas que, por outro lado, as pessoas não respeitam, muitas vezes utilizam o espaço que para eles é destinado. "Eu gostaria que as pessoas tivessem a conscientização e respeitassem mais a gente", destacou.

Frota

Tendo em vista a acessibilidade, dos 536 veículos disponíveis atualmente na Capital, 288 possuem o equipamento. Com a entrada em circulação de 10 novos carros, em outubro de 2009, o índice de cobertura chegou a 56% da frota.

Para Edir, da Assetur, esse índice irá aumentar a partir da realização de novos investimentos na compra de novos carros, "até chegar a 100% da frota", completou.

Edir diz ainda que a manutenção dos veículos é feita pelas próprias empresas, cujos funcionários são treinados pelo fabricante do equipamento. "O fabricante dá assessoria constante às empresas", ressaltou.

Adaptações permitem igualdade no trânsito

Evillyn Regis

Atualmente existem no Brasil, cerca de 16 milhões de portadores de deficiências físicas e combater a exclusão social é uma das suas principais barreiras. Entre os direitos que um portador de deficiência física tem, está a isenção de impostos quando compra um veículo zero quilômetro, valor que pode ser parcelado. São isenções de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviço (ICMS) e Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). Para a compra somente de um veículo zero quilômetro, a cada 3 anos, o que resulta em torno de 30% de desconto.

Os interessados na compra de um veículo adaptado devem procurar uma concessionária e ver a tabela especial referente aos modelos com isenções, que não são todos, e um dos seus vendedores apto a atender os deficientes. As concessionárias, com o intuito de vender, mostram o procedimento certo a seguir.

Com relação às adaptações, são feitas por conta do proprietário em uma oficina especializada. Por conta da necessidade especial da pessoa, a cotação no mercado

é variável, podendo chegar até 20 mil reais. Porém a procura maior para se fazer adaptação de um veículo é o que tem os valores de até R\$ 5.600. Os valores para as adaptações podem ser negociados e com direito a garantia do equipamento.

Personagens

O técnico em auditoria, Cláudio José Dainese, de 46 anos, faz parte desta realidade. Portador de deficiência física desde os 6 meses de vida, há 25 anos conduz carros adaptados. Ele considera o trânsito de Campo Grande, como um dos mais complicados do Brasil para dirigir. "Os motoristas não têm educação; são pessoas arrogantes, imprudentes. Ninguém respeita nada, todos parecem ser o 'rei' do 'pedaço', rege a lei do mais forte", relata o condutor.

Com relação às dificuldades encontradas no dia-a-dia no trânsito da Capital de Mato Grosso do Sul, o condutor Cláudio, enfatiza para a questão das vagas reservadas para o deficiente físico, que geralmente não são respeitadas pelos demais motoristas. "Não há vagas reservadas nos estacionamentos públicos das ruas da cidade, não existe respeito,



Especiais - Automóvel adaptado

nosso governante, é um cidadão como qualquer outro, tendo esse carro habilitado ele se torna um condutor habilitado como nós somos, alguns com restrições e outros livres até para pegar estrada", ressalta.

Readaptação

O aposentado Moacir Garcia de Oliveira, de 49 anos, quando tirou a Carteira Nacional de Habilitação não era deficiente, mas há 15 anos possui um carro adaptado. Garcia trabalhava como motorista profissional e teve que deixar a profissão após um incidente que o fez perder o movimento das pernas. "Quando eu adaptei o carro, eu tive que readaptar minha carteira para categoria B, porque o Detran não aceita carteira profissional". Sobre a adaptação do veículo, o aposentado afirma que apenas teve uma dificuldade normal, burocrática, do que as leis exigem, mais nada além disso.

Para mais informações sobre os procedimentos no endereço eletrônico www.carrosparadeficiente.com.br.

Empresas que prestam consultoria aos empreendedores do mundo rural ganham força após instabilidade econômica

CONSELHOS profissionais _{no} CAMPO

Daniel Henrique

Mato Grosso do Sul, apontado no censo de 2006 do IBGE em primeiro lugar no ranking em efetivo de cabeças bovinas, tem um mercado agropecuário que vem evoluindo, acompanhando as tendências dos outros setores. E essa mudança mercadológica fez alavancar um nicho de mercado que está sendo essencial no auxílio aos produtores rurais do Estado. É o surgimento e crescimento, nos últimos anos, de empresas de consultoria e análises econômicas da agropecuária.

Segundo a analista de mercado de grãos, Tânia Tozzi, a volatilidade toma conta do mercado agropecuário mundial, diante do aumento da competitividade, da especulação e da influência de diversos fatores que norteiam o rumo dos preços das commodities agrícolas, influências estas que podem alterar drasticamente o rumo dos negócios, pegando os menos informados no contra pé. "Informação é fundamental para quem quer se manter nesta atividade. É preciso ser profissional, pois só com informação de qualidade é possível ao produtor traçar uma estratégia de curto, médio e longo prazo, buscando minimizar os riscos e ampliar sua lucratividade", afirma a analista.

Tânia e outros analistas mantêm uma empresa em Mato Grosso do Sul, no intuito de oferecer em tempo real ao produtor, notícias e análises de mercados, que possam lhe mostrar, de forma simples e coloquial, o que

está acontecendo no Brasil e no mundo, e especialmente como isso pode influenciar no seu negócio.

É praxe o produtor colocar em risco ano a ano o seu patrimônio, operando com uma "fábrica" a céu aberto, sem incentivos e sem qualquer seguro no caso de perdas, especialmente por conta da meteorologia. Paulo Borges Vieira, que tem uma propriedade há 170 quilômetros de Campo Grande, já sofreu com geadas que praticamente destruíram sua produção. "Esse ano perdi 20% pela estiagem e depois na safrinha isso totalizou uma perda de 60% de tudo", diz entristecido o produtor.

Para piorar, muitos sequer podem optar por não produzir diante de um problema qualquer de mercado, pois correm o risco de ver sua propriedade sendo direcionada para a Reforma Agrária. "O mecanismo criado no Brasil para forçar a produção é cruel, pois prioriza muito mais o interesse da indústria do que do produtor", completa Tânia.

Com isso, os riscos vêm aumentando vertiginosamente, não tendo o produtor tempo para investigar informação a fim de descobrir o que é boato e o que é fato, para então tomar uma decisão, que vai desde a definição da cultura, passando pelo plantio, colheita e chegando a comercialização. "Sem uma empresa de informação competente, que me ofereça um parecer completo do mercado, os riscos são enormes na hora de programar as safras", diz Paulo, que monitora dia-a-dia as informações mercadológicas para deixar sua produção organizada e condizente com a situação do mercado.

E o Estado tem uma influência expressiva no mercado agrícola brasileiro, e até mesmo mundial, se profissionalizando a cada ano para atender a uma demanda cres-



Riscos - Instabilidades econômicas e até metereológicas podem provocar perdas

cente. Para Beto Tavares, que trabalha há 25 anos no mercado de compra de gado gordo para frigoríficos de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo, as empresas de consultoria e análises econômicas permitem a toda sociedade, e não somente aos pecuaristas e compradores de gado, acesso às informações do mercado. "Com isso, o produtor tem ampla visão do mercado de modo geral. Essas empresas passam segurança e notícias do mercado real. É uma atualização necessária", diz Tavares.

É preciso entender que o mercado de hoje não é mais o mesmo de 10, 15 ou 20 anos atrás. A globalização e a internet vieram para mudar isso. "O grão produzido no interior deste Estado, ou em qualquer lugar deste país, é consumido do outro lado do mundo, lá na China! Não há mais demanda garantida, mas sim uma competitividade árdua para se produzir qualidade a preços competitivos, forçando uma mudança radical na maneira de se atuar no mercado", finaliza Tânia Tozzi.

REPORTAGEM

CAMPO GRANDE - MARÇO DE 2010

CONSUMO

Sul-mato-grossense consome apenas 120 g de peixe ao mês

Bruna Lucianer

Uma lata de sardinha por mês, ou 120 gramas: este é o equivalente ao consumo médio de peixe por habitante em Mato Grosso do Sul, segundo dados do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) no Esta-

do.

Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomende um consumo anual de 12 kg de pescado por habitante adulto, a média do consumidor em MS chega apenas a um décimo desse valor: 1,3 kg/ano.

Segundo o engenheiro agrônomo do MPA, Adilson Nascimento dos Santos,

o Estado produz anualmente 12 mil toneladas de peixe entre pesca e cultivo, o que significa cerca de 5,5 kg por habitante.

Mas, se for levado em conta, o consumo de pescado marinho e de outras bacias, estima-se que quase toda a produção de Mato Grosso do Sul seja destinada a mercados externos, como São Paulo.

Segundo Adilson, o paradoxo se explica pelos altos preços do produto se comparados às carnes bovina, suína ou de aves, aliados à falta de hábito do sul-mato-grossense de consumir peixe.

Incentivo

O Ministério, criado pelo presidente da República em junho passado, tem como um dos principais objetivos aumentar a produção de pescado no país para baratear o custo da produção e, consequentemente, o preço ao consumidor.

Também para incentivar o consumo de pescado entre os brasileiros e orientar a população sobre os benefícios de uma alimentação saudável, o MPA, em parceria com o Ministério da Saúde e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), instituiu a Semana Nacional do Peixe, que ocorreu no dia 1º de setembro.



Responsáveis - Criadores do gado verde se preocupam com questões ambientais e também com o lado social que envolve o setor

Diferencial

Já são mais de 50 mil cabeças de boi-orgânico no Estado

PECUÁRIA VERDE no Pantanal

Edilene Borges

A criação do boi orgânico está trazendo destaque para Mato Grosso do Sul, que já é exemplo na pecuária, e agora exemplo também no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável e preservação ambiental. A produção teve início há pelo menos cinco anos e hoje já são mais de 50 mil cabeças de gado distribuídas em cerca de 150 mil hectares de terra.

O vice-presidente da Associação Brasileira de pecuária Orgânica (ABPO), Nilson de Barros, afirma que para criar o gado orgânico não é necessário desmatar terreno, e por isso a produção do Estado mantém cerca de 80% da vegetação pantaneira intacta, exemplo para outros países. "Mas nos preocupamos não só com a preservação ambiental, mas também com o lado social", esclarece.

Além dos cuidados com o gado, os produtores visam também uma boa qua-

lidade de vida para os profissionais que prestam serviços nas propriedades. Todos são registrados, com acesso a moradia, alimentação, saúde e educação. Estas boas condições são vistoriadas anualmente pela IBD (Instituto Biológico), que certifica a qualidade do alimento orgânico.

Um exemplo dessa preocupação é re-aproveitamento de embalagens, sacos de sal e outros materiais, que são vendidos e o dinheiro revertido à estruturação de áreas de lazer para os funcionários. O processo é simples. Nas fazendas eles recolhem todo tipo de material reciclável e colocam nos sacos, que antes seriam descartados. O material é entregue para a empresa que comercializa o sal, que por sua vez, vende o que foi recolhido e entrega o dinheiro aos pecuaristas.

Para os consumidores os benefícios da carne orgânica são múltiplos. "Se ele consumir 1 quilo de carne orgânica está trazendo benefícios não apenas para sua

saúde, mas está também contribuindo para a preservação do Pantanal", afirma Nilson.

O vice-presidente da ABPO conta que qualquer pessoa pode produzir a carne orgânica, mas para ser comercializada e reconhecida internacionalmente ela precisa ter o certificado de qualidade, meta que já foi atingida por MS. "Nossa carne tem qualidade, acabamento e tudo garantido pelo IBD, pode ser consumido com segurança", declara. Nilson explica ainda que exportação para outros países depende não apenas dessa qualidade, como também da sanidade animal e da rastreabilidade, mas que os países estão cada vez mais mostrando interesse pelo produto.

Aqui em MS a carne orgânica ainda é pouco consumida, em comparação à car-

ne não orgânica, mas Nilson afirma que os produtores estão pensando em alternativas para melhorar este consumo. "Estamos tentando fazer com que o governo entenda que é uma coisa boa, tem controle natural. Ele pode comprar esta carne para as creches e escolas", sugere.

Fazem parte da ABPO mais de 20 pecuaristas da região do Pantanal, que veem na produção orgânica uma alternativa produtiva que contribui para a conservação ambiental e a qualidade de vida.

Um dos assuntos mais importantes que foi abordado na primeira edição da Expo MS (que aconteceu entre 01 e 12 de outubro) foi a produção da carne orgânica do Pantanal. Na feira foi montado um estande onde os visitantes e profissionais do agronegócio puderam tirar todas as dúvidas e conferir os resultados gerados com esse tipo de produção.

Carne

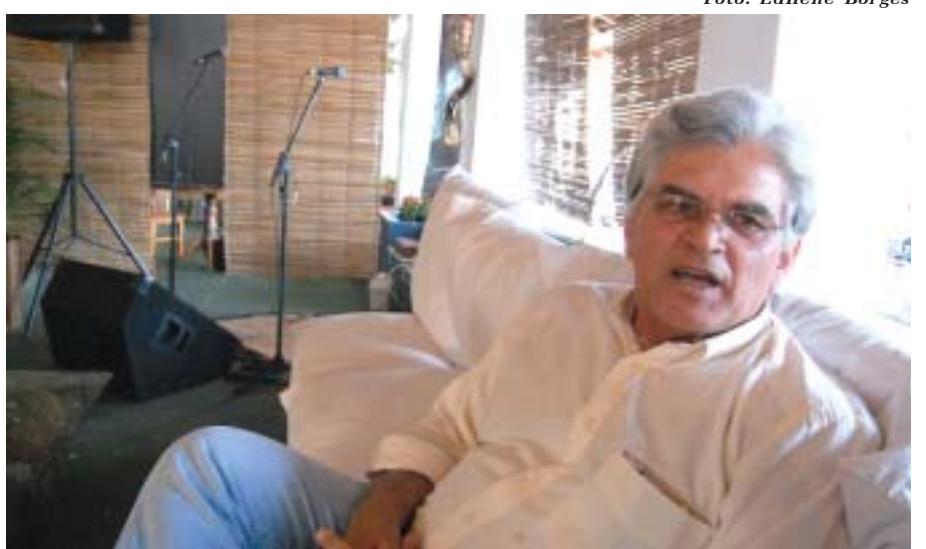
A carne orgânica ainda é pouco conhecida, mas o nível de qualidade é muito alto, fator que deverá abrir as portas do mercado e despertar o interesse dos consumidores.

A principal característica deste produto é a maciez, além do sabor específico que é gerado pela alimentação nativa oferecida ao animal. A seleção genética também é fundamental no processo de produção.

Na criação do boi orgânico não são usadas substâncias químicas, maior diferença entre esta carne é a tradicional.

Em todo Brasil a carne orgânica é comercializada pela empresa Friboi. O Organic Beef, como foi nomeado, ainda é difícil de ser encontrado, mas é vendido em diversas cidades.

Foto: Edilene Borges



Em casa - A ABPO trabalha para o aumento do consumo da carne orgânica em MS

Profissionais do turismo apontam que metade dos viajantes que atendem estão viajando pela primeira vez de avião

PASSAGEIROS GANHAM ASAS

Kleber Gutierrez

Trocar o ônibus pelo avião tem sido a rotina de muitos passageiros que preferem o ar a rodar por estradas mal conservadas. Com 67 voos diários e uma média de 2,6 mil passageiros por dia, Campo Grande se destaca como destino no cenário brasileiro da aviação civil.

O universitário Diego Silva, de 23 anos, confessa que de "ônibus só se for de última hora e não conseguir uma promoção." Ele já viajou várias vezes a São Paulo e planeja ir a Florianópolis no carnaval de 2010. "Comecei a comprar [passagens aéreas] quando um colega trabalhava em uma agência e aí continuei comprando. Quando eu quero viajar fico sempre de olho nos sites [das companhias aéreas] e nas mensagens das duas agências que tenho cadastro", comenta.

No país, o tráfego aéreo de passageiros disparou 42% em outubro na comparação com o mesmo período do ano passado, conforme dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). O número de assentos tam-



Foto: Kleber Gutierrez

Milhares - Por dia mais de duas mil pessoas passam pelo Aeroporto de Campo Grande

bém apresentou crescimento de 20,52%.

Só no Aeroporto Internacional de Campo Grande a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) registrou, de janeiro a agosto deste ano, movimento médio de 636.324 passageiros. O que representa mais de 2,6 mil pessoas embarcando e desembarcando diariamente.

Há quinze anos trabalhando no setor

turístico, Antônia Alves, de 45 anos, aponta para o fato de que 50% dos passageiros que atende no aeroporto estão viajando pela primeira vez. "Normalmente quando é a primeira vez os clientes têm muitas dúvidas e, com ajuda de uma agência, o processo de embarque se torna mais fácil", afirma Alves que há um ano é funcionária da CVC Viagens. Sua carreira, no entanto, teve início ainda na extinta Vasp.

identidade na moda, criar a sua marca, criar o seu estilo, essa criação para daqui a alguns anos, quem sabe estar no cenário internacional".

E é o que algumas jovens meninas estão fazendo há pouco tempo, no início sem visionar o lucro, Camila Ferreira que iniciou no ramo fazendo florzinhas de cabelo, hoje tem uma sociedade com mais duas meninas, na qual elas mesmas fabricam acessórios como: colares e pulseiras, com tecidos que seriam descartados em indústrias de Mato Grosso do Sul.

Assumindo que tinha uma visão equivocada do mercado da moda em Campo Grande, Camila da marca Filomenas retrata como foi se deparar com o mercado do Estado. "O mercado realmente surpreendeu porque a gente tem, às vezes, uma ideia errada de que aqui em Campo Grande as pessoas não gostam muito de novidade, a gente achou que ia ser um pouco mais difícil, mas a gente fez um sucesso ótimo, graças à Deus".

REPORTAGEM

CAMPO GRANDE - MARÇO DE 2010

MATO GROSSO DO SUL

EM FOCO

Genuínos Inventores de moda

Wanessa Derzi

Aparentemente o setor de moda pode não parecer o forte do Estado, mas erra quem pensa desta forma, pois Mato Grosso do Sul tem crescido muito nesse setor, envolvendo boa parte da população e gerando empregos diretos.

"Nós percebemos uma grande procura pelo modelista, pelo desenhista, pelo costureiro, pelo produtor, pelas pessoas que fazem o desenvolvimento e planejamento de coleção e que isso tem que ser traduzido em possibilidades de inserção no mercado de trabalho", explica a gerente do Senac - Beleza e Moda, Simone Michel. O setor no Senac foi criado há um ano.

De acordo com o Sindivest, Sindicato das Indústrias do Vestuário Tecelagem e Fiação de Mato Grosso do Sul, o Estado possui cerca de 460 empresas do setor têxtil, que proporciona mais de 12 mil empregos diretos. No ano de 2008, essas empresas produziram aproximadamente 16 milhões de peças.

Para o presidente do Sindivest-MS, José Francisco Veloso Ribeiro, o aumento da renda e do emprego, nas classes C e D, com média de R\$ 1,1 mil e R\$ 570, que são cerca de 20 milhões de brasileiros, consomem hoje mais de R\$ 410 bilhões por ano, ocasionando assim o consumo garantido, ou seja, um aumento nas vendas.

E para os profissionais do ramo da moda, a gerente do Senac - Beleza e Moda, Simone Michel, diz o que deve ser feito. "Os criadores de Mato Grosso do Sul têm que aproveitar para se capacitar, criar essa

Importância da rota

Atualmente a Capital é atendida por cinco companhias aéreas, tendo o destino despertado o interesse de companhias recentes, como é o caso da Azul Linhas Aéreas, que opera no Brasil desde 15 de dezembro de 2008.

Para o fundador da companhia e presidente do conselho da Azul, David Neeleman, o Estado possui grande importância por estar se desenvolvendo e despondo no cenário nacional. "Nós decidimos logo que era uma cidade muito importante, começamos a voar e estamos muito felizes com nossos voos", afirma Neeleman.

Já o diretor de marketing e vendas TRIP, Evaristo Mascarenhas de Paula, Mato Grosso do Sul é uma das principais regiões em que a companhia pretende se expandir. "O Estado é um importante polo agrícola e pecuário no país e também conta com destinos turísticos relevantes. O objetivo da companhia é atender às necessidades de passageiros em viagens de negócios e turistas oferecendo mais opções, que com certeza irão contribuir para o desenvolvimento econômico da região", comenta Mascarenhas sobre a atuação da líder da aviação regional na América Latina.

O presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagem de Mato Grosso do Sul (ABAV/MS), Ney Gonçalves, acredita que houve um aumento na demanda de turistas e pessoas chegam e partem do Estado. "Campo Grande é um centro e está crescendo bastante [o fluxo de passageiros]. Acredito até que criando algumas rotas para a América do Sul, direto de Campo Grande, esse fluxo venha aumentar mais. No caso, de Assunção, Buenos Aires também. Porque hoje, por exemplo, para ir para Buenos Aires a gente tem que ir a São Paulo", destaca Gonçalves.

Infraestrutura

Investimentos na infraestrutura aeroportuária também são requeridos por passageiros e agentes de viagem. "A nossa estrutura hoje é precárissima", afirma Gonçalves.

Segundo o presidente da ABAV, falta um estacionamento melhor, espaço para embarque e desembarque mais organizados entre outros aspectos.

Tais problemas de estrutura se tornam ainda mais evidentes das 22 horas até a meia-noite, quando seis voos pousam com curtos espaços de tempo na Capital.